



Director literario:

Antonio Campinho
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE

O MENINO MAU

Por MARIA CELESTE

Desenhos de EDUARDO MALTA

Ao João Adelino



LUCIANO era um menino muito orgulhoso e mau. Um dia foi passear e encontrou um rapazito com o fato todo esfarrapado e descalço que se lhe dirigiu a pedir esmola. O Luciano, que, apesar de ser rico, desprezava os pobrezinhos, voltou-lhe as costas sem lhe ligar importância, e continuou o seu caminho.

Certa manhã estava êle entretido a regar as flores do seu jardim quando ouviu uma voz dizer:—Bons dias, menino, se quize rajudo-lhe a regar as flores. O Luciano voltou-se para ver quem lhe falava e vendo o pequeno que lhe pediu a esmola no dia em que lóra passear, gritou muito zangado:— Quem te deu licença para entrares no meu jardim, grande maroto? Espera que eu já te ensino a entrar em propriedade alheia sem pedir licença.

E, agarrando num pau, correu atraz do pequenito que, vendo a sua atitude, e com medo de apanhar alguma sova, fugiu precipitadamente.

Passados dias, estava um pequeno a apanhar lenha na floresta, quando ouviu uma voz muito aflita a gritar por socorro.

—Aqui está alguém que precisa de auxilio, pensou o garoto, pondo-se a escutar. E, como continuasse a ouvir a mesma voz, cada vez mais aflita, encaminhou-se para o sitio donde ela partia e, depois de procurar por algum tempo, encontrou um rapazinho atado a uma árvore que, ao vê-lo, su-

plicou:—Oh! desate-me depressa, as cordas magoam-me muito o corpo.

— Aposto que o não magoam tanto como ha alguns



dias me magoaram as maneiras «delicadas» com que me recebeu no seu jardim... disse êste, com certa ironia.



O Luciano (pois era ele que estava ali amarrado) ao ouvir estas palavras, fixou o rapazinho e, reconhecendo-o, murmurou:

— Por eu ser mau amarraram-me a esta árvore e aqui terei que passar a noite se não tiver compaixão de mim.

Não se assuste que eu já o desato, disse, João (era este o nome do pequeno robre) E, juntando à acção as palavras libertou o Luciano, o qual, muito contente, o abraçou, pedindo-lhe que o acompanhasse a casa dos pais.

— Então espere um momento que eu já venho, disse João; vou levar esta lenha a uma boa mulher que me pediu para lh'a vir buscar. E, apanhando o feixe de lenha, desapareceu por entre as árvores, tornando a aparecer algum tempo depois, dizendo: já dei a lenha á mulherzinha e, como é quasi noite, se quizer ir para casa, eu acompanho-o.

O Luciano, que estava sentado na relva, levantou-se e pôs-se a caminhar, seguido pelo João. Este, a meio do caminho, perguntou-lhe quem o tinha levado para a floresta.

Hoje de manhã, começou a contar o Luciano, quando ia para a escola, com condiscipulos, encontrei uma velha muito feia e puz-me a troçar dela. A velha ameaçou-me com o bordão que levava, e, como

eu continuasse a troçar, correu com grande agilidade atrás de mim para me bater. Muito admirado de vê-la correr tanto, gritei para os meus companheiros. Olhem a velha que agil é... Mas, apesar de eu correr muito, ela conseguiu agarrar-me; depois levou me para a floresta amarrando-me à árvore e dizendo: Por seres mau aqui terás que ficar de castigo enquanto não vier alguém que te dê liberdade. Ah! se não losses tu, ainda lá estaria a estas horas, morto de medo, até que algum lobo me devorasse.

Depois, muito admirado, perguntou ao João se não tinha familia, ao que este, muito triste, respondeu ser órfão de pai e mãe e nunca ter conhecido qualquer outro parente, sustentando-se das esmolas que lhe davam e dormindo numa barraca que encontrara abandonada.

Quando chegaram a casa do Luciano, os pais d'este que estavam muitos aflitos por não saberem onde o filho se encontrava, ficaram contentísimos ao vê-lo. O Luciano, depois de contar o que lhe acontecera, contou também a história do seu libertador, pedindo aos pais que o adoptassem, o que elles fizeram, contentos, pois eram muito bondosos.

Dai em diante o João e o Luciano foram dois companheiros inseparáveis, sendo o João sempre bom e obediente para os pais adoptivos que o estimavam muito.

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

A LENDA DAS ROSAS

Por **TAUZINHA**
Desenhos de **E. M.**



MUITO, muito longe, num reino distante, viviam uns reis que tinham uma filha linda, de olhos negros e corpo esbelto.

Chamava-se Nia. Linda de corpo e alma, amava a gente humilde e o seu coração pequenino dera-o, não a homem da sua alta estirpe, mas a um seu vassalo, jovem como ela, oficial dum dos seus numerosos exércitos. Amavam-se em silêncio.

A primavera aproximava-se, a natureza cobria os campos de flôres e ela, numa manhã de sol radioso, saltitando por aqui e por além, colhi-as. Junto dela, Armando, o

oficial, falava-lhe. Momentos fugitivos, conversavam e ela, olhando-o, disse-lhe:

« — Não sei o que pressinto; confiamos ilusóriamente na nossa união, vivemos de esperanças, aspirando a que o dia que surgirá amanhã, seja talvez mais sereno, mas percebo em ti que odeias meus pais. .

« — Não, Nia, tenho alma e seria baixosa odiar. Revolto-me, porque reis e fidalgos não reconhecem o direito de amar a um plebeu como eu, e desconhecem a profundidade do amor. . . Tomei-te afeição, mas, dizes bem, confiamos ilusóriamente no dia que despondará amanhã. Será como ontem e como hoje: — dum lado a tua fidalguia, do outro o meu nascimento humilde, tanto pior.

Nia tinha os olhos razos de lágrimas e a sua pequenina boca abriu-se num rictus de tristeza,

(Continua na página 6)





RICARDITO

Por LAURA COSTA MARQUES (Garota endiabrada)

Desenhos de Eduardo Malta



TODOS na aula o estimavam. Era um aluno estudioso, pontual e aplicado. Raras vezes corria; quieto e mudo, julgavam talvez pouco atento se os olhos inteligentes, negros e expressivos, não mostrassem bem o interesse que prestava às explicações do professor. Era bem comportado, amigo dos seus amigos, bom camarada e bom discípulo, e até o professor, sempre austero e rígido para todos, lhe sorria indulgente, quando entrava. Decorava com uma facilidade pasmosa, e como era, na verdade, o melhor aluno da classe chamavam-lhe o «urso». Modesto e despreocupado estava sempre sempre a pronto auxiliar os colegas, mas falava pouco; incava os cotovelos na carteira, o rosto nas mãos, os fabelos deitados para traz, e, nesta posição favorita

em que todos o viam, lá ficava a estudar a sua lição de História. Apesar disso, e talvez por isso mesmo, por ser sisudo e concentrado, todos o estimavam, lhe sorriam com simpatia e o saudavam alegremente: Bom dia, José! Até que, enfim, chegaste! Vem para o pé de mim!... Agradecia e sentava-se; não queria que o distraíssem na hora da lição.

Ricardito, o seu companheiro de carteira era a criança mais infeliz e mais maltratada pelos colegas. Como era excessivamente pobre, trazia em geral um casaquito de mangas curtas, que deixava ver uns braços magríssimos e doentes, os calções muito remendadinhos e um bonet velho. Filho de um pobre carpinteiro, órfão de mãe, mal tinha tempo de estudar as lições, e se o fazia era de noite porque de dia tinha de ajudar o pai no seu ofício. Infeliz criança! Era vê-lo com o seu rostosinho meigo e a frase de sempre: — «desculpe, desculpe...».

Ele era o alvo de todas as troças, ninguém o defendia, a não ser José, o seu grande amigo e companheiro de carteira.

Manhã fria. A chuva caindo, persistente, fustigava as vidraças da grande sala, desconfortável e triste. Ricardito entrou na aula. Vinha encharcadíssimo, pingando por todos os lados.

E' claro que o primeiro cuidado dos camaradas foi principiar o que eles chamavam «o pratinho do dia». Depois de se rirem, a bandeiras despregadas, começaram lançando-lhe uma chuva de ditos ofensivos:

— «Pobretão! nem sequer tem um chapéu para se cobrir! Vê lá, apanha ao menos a água que deixas no chão... Ah! ah! trazes os cadernos bem bonitos, olha o que dirá o mestre!...»

Só então o pobre Ricardito reparou no estado lastimoso dos seus desgraçados livros! Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e em vão procurou um rosto amigo, pois só via caras de troça e de riso fixadas na sua pobreza, na sua miséria!

Chorou tristemente; e os outros continuaram:

— «Eu, se fôsse a ti, punha-me debaixo da carteira, palavra que punha!».

— «Parece incrível! Não tens vergonha de aparecer assim... Vens com cara de quem não come há oito dias; naturalmente para o mandrião do teu Pai se regalar com bons petiscos!...».

E as piadas continuaram; atiravam-lhe bocadinhos de papel, penas enferrujadas e tudo o que tinham à mão.

José, olhava a aula sem pestanejar, como que indiferente e calmo.

Ah, era demais! Pobre Ricardito! Enquanto trocaram dêle tinham uportado, agora de seu pobre Pai, isso é que não!

Num gesto rápido, agarrou o tinteiro mais próximo, atirando-o desesperado a um dos atrevidos.

O rapaz baixou-se, e o mestre que, então, entrava na aula, apanhou-o em cheio no peito. Fez-se silêncio.

Podia ouvir-se o bater apressado daqueles corações. Numa calma aparente, mil vezes pior do que a ira, o mestre perguntou:

— «Quem fez isto?!».

Nenhum respondeu. O pobre Ricardo tremendo como varas verdes nem se atrevia a levantar os olhos, encolhendo-se na carteira.

— «Quem fez isto?!» — repetiu o mestre.

De repente José levantou-se, brilhou-lhe o olhar, fixou os companheiros num gesto de desafio e mal contida cólera, e avançando depois, disse:

— «Fui eu!».

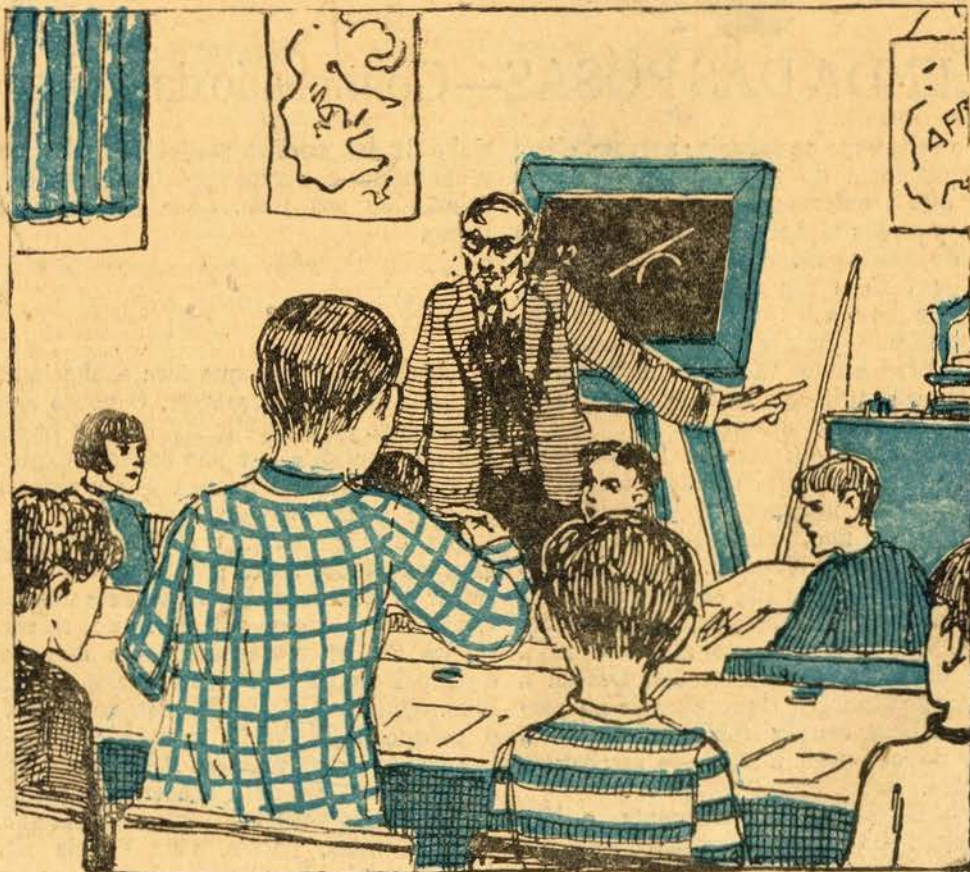
Ricardito chorava de comoção, os ontros, coraram de vergonha. O mestre olhando-os compreendeu tudo. Foi para o José, abraçou-o, e, estreitando-o comovidamente, contra o coração, disse:

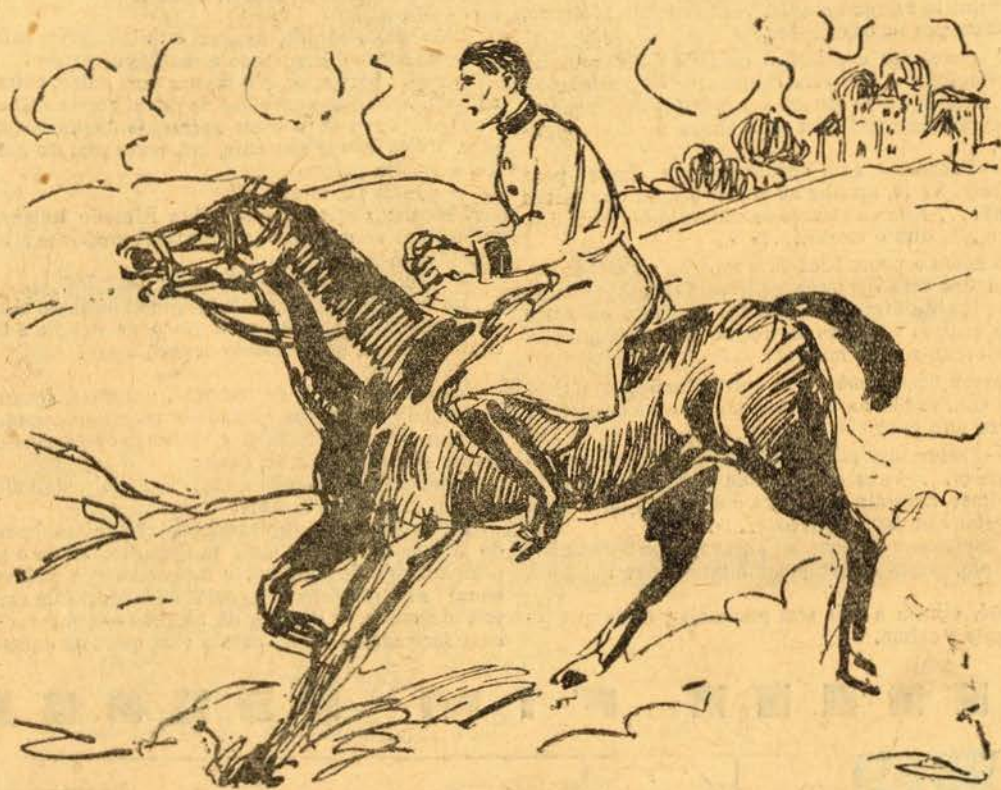
— «Tens uma grande alma!» E, depois, mais alto;

— «Vai para o teu lugar!».

Desde êsse dia o professor cuidava paternalmente do Ricardito, olhava mais meigamente ainda o seu companheiro de carteira, e procurava por lições de moral sã, transformar aquela meia dúzia de rapazes, de então, — homens de amanhã — em corações bem formados e leais, para a vida que iam encetar.

■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■





A LENDA DAS ROSAS — Continuado da página 3

Todo o seu corpo se sacudia; nervosa, olhou a magnificência do seu palácio, toda a riqueza que a rodeava; abanou a cabecita airosa e, a passos rápidos, encaminhou-se para junto de seus pais. O lindo moço contemplou-a e todo o seu ser estremecia. Nia, pela noite fóra, à luz mortiça dum candela-bro, pensava. — Para que haveria esta barreira de preconceitos vãos? Também ela se revoltava; não seria suficiente ser bom, justo, cumpridor dos seus deveres?

Vivia cercada de luxo... imensamente rica... Mas uma infinita tristeza a invadia. Já a madrugada ia avançando, quando adormeceu. O sol já alto, beijando-lhe os sedosos cabelos, quando se levantou. Chamada junto do rei, soube que seu pai obtivera a certeza do seu amor e, senhor absoluto, proibia-o. Curvou levemente o busto airoso e saíu. Ruiam todas as suas aspirações. Desceu a sumptuosa escadaria, embrenhou-se no parque, viu uma estrela cair manso, muito manso, do céu azul e sentiu-se arrebatada pelos ares.

As horas passavam lentamente, e Nia sem voltar! Os reis ordenaram pesquisas, mas ninguém a encontrava. Já o rei, que amava com ansia a filha, despertado o ca-

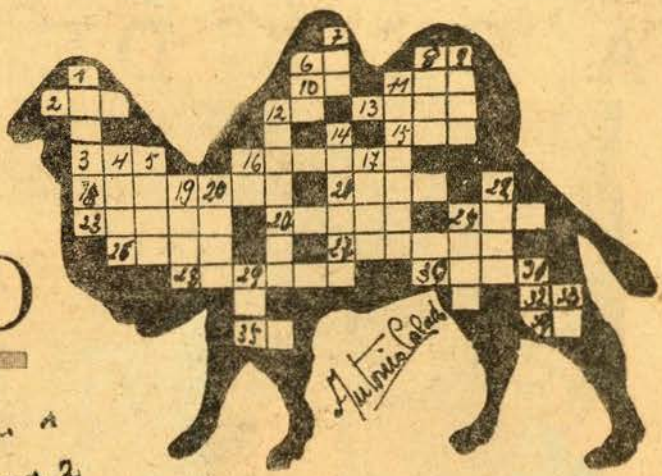
rinho de pai, enviava pregoeiros pela cidade e emissários aos reinos próximos, oferecendo a mão de sua filha, àquele que a encontrasse.

Armando, assim que teve conhecimento do ocorrido, julgou morrer. O pobre moço, lembrou-se da coincidência, da viva impressão que sentira e que não soubera explicar, no dia em que lhe falara e que a vira afastar-se a passos rápidos.

Os dias passavam e o jovem oficial julgava endoidecer, não porque quizesse consumir a sua felicidade, somente desejava encontrar a sua bem amada. Nunca se serviria de tão triste ocorrência, em que a dor dum pai oferece tudo para a salvação dum filho. Queria encontrá-la porque a amava e porque tinha jurado sempre defendê-la. Era novo, robusto, mas todo aquele ardor viril, lhe era inútil. Nia desaparecera para sempre, não deixando vestígios. Procurava em vão...

Uma noite, porém, uma estrela linda desceu e falou-lhe assim: «Fui eu, que me compadeci de Nia e a roubei. Encerrei-a no

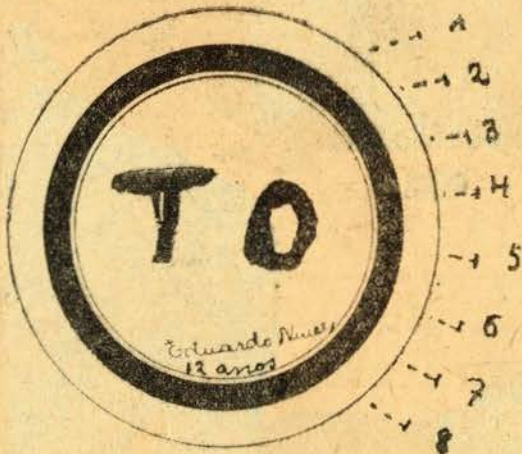
HORA DE RECREIO



Palavras cruzadas

HORIZONTALMENTE — 2, planta preciosa da China — 3, onde está a água benta — 6, nota musical — 8, artigo francês — 10, interjeição — 11, colarinho em francês — 12, aqui — 13, com que os guerreiros se guardavam — 16, artigo francês — 16, ruído dum sino tocando apressado — 18, povoação na linha de Cascais — 24, instrumento musical — 25, livro de acentos — 26, mar da Ásia — 27, pássaro em francês — 28, nome de uma série de 10 reis do Egipto — 30, sumo de palmeira — 32, forma do verbo ir — 35, carta de jogar — 35, contrário de vestido.

VERTICALMENTE — 1, o que se põe na cabeça — 4, pronome demonstrativo — 5, peixe — 6, satélite da Terra — 7, parente mais chegado — 8, de cada parte um todo — 9, pronome pessoal — 11, da mesma escola — 12, roedores — 14, viaturas de duas rodas — 16, forma do verbo rir — 17, nome de várias plantas do Brasil — 19, rezar — 20, folhagem das árvores — 22, pátio em francês — 25, nome dum homem — 29, adjectivo possessivo francês — 31, criada — 33, artigo,



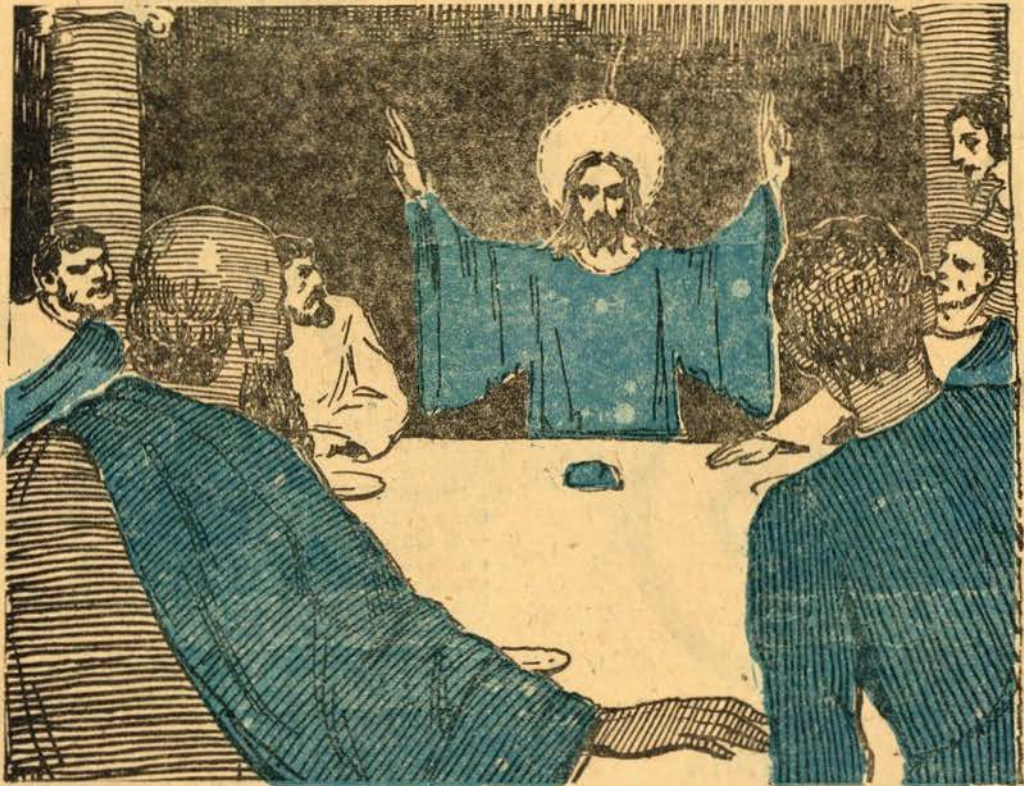
ADIVINHA

Juntar duas letras à sílaba «TO» de modo a formar palavras com a seguinte significação: 1, pronome — 2, cabeça — 3, pronome no feminino — 4, alimento muito bom para as crianças — 5, pedaço de tronco de árvore sem rama — 6, forma de verbo — 7, traje dos antigos romanos — 8, pisa de pancada.

palácio da Ilusão; galopa no teu corcel, quando tu me ouvires nóvamente, pára! A teus pés elevar-se-há um palácio; percorre-o. Encontrarás flôres, desfolha-as; ouças o que ouvires não desfaleças! Quero vêr se és corajoso. Armando montou um fogoso cavalo e, passadas horas, a estréla ordenou-lhe: «Pára, eis o termo da tua viagem. Segue perseverante; mal de ti se a pétala da última flôr estiver caída. Apiou-se. Um palácio se erguia, alto, de muitos andares. Entrou. Na primeira sala, sobre uma mesa, uma jarra ostentava uma flôr que nunca vira, rubra. Acercou-se e, ao desfolhá-la, queixumes doloridos se ouviram, voz de mulher, mas, sem desfalecer, prosseguiu a sua tarefa e no chão as pétalas formaram a palavra — Lágrimas — Noutra sala outra flôr idêntica contudo branca. Desfolhou-a, mas as pétalas pareciam presas a um ferro, e as pétalas caíndo formaram —

Pureza. — Seguiu para outra sala. Outra flôr igual mas quási desfolhada; a ultima pétala pendia. Correu e arrancou-a. Uma porta abriu-se e Nia, aparecendo, correu para o seu salvador e, estreitando-se nos braços, olharam para o chão. — As pétalas formavam a palavra — Amor. A estréla surgiu então, e, dando um ramo de rosas à princesa, explicou as palavras que Armando vira escritas no chão. Das lágrimas que Nia chorara brotara aquela rosa rubra, sanguínea. A sua alma era tão pura que nascera aquela flôr branca, dum branco imaculado. O seu amor tão grande e nobre que nascera aquela rosa de tons rosados. Guiados pela bondosa estréla encaminharam-se para o palácio dos reis e, no meio do maior regosijo, o par enamorado casava, rodeado de rosas, flôr nascida para personificar o amor de Nia.

A CEIA DE CRISTO



Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Esboçeto de EDUARDO MALTA

JESUS estando a ceiar com seus seus discípulos um dia, prevendo a sua Agonia, anuncia

a profecia que em breve se iria dar: — *«Aqui vos digo, em verdade, que um de vós me ha-de entregar!»*

Cheios de funda tristeza, debruçados sobre a mesa, diz cada um de per si: — *«serei eu, Mestre?»*

Rabí, emtanto, à face de Judas, fitando seus olhos neste, exclama: — *«Tu o disseste, eis que a Verdade desnudas!»*

Confuso, Judas protesta que de tal não é capaz mas logo, enrugando a testa, e franzindo a sobrancelha,

remira o Mestre, de esguelha, com seu ar de ferrabrás.

Então, pegando num pão, e dividindo-o em pedaços, Jesus, estendendo os braços, aos seus convivas o dá, dizendo-lhes: — *«Vá, comei; eis meu corpo!»* E logo, após, pega num *calix* e oferece o vinho que nêle está, dizendo-lhes — *«Vá, bebei; eis o meu sangue! com esse sangue é que redigirei os mandamentos e a Lei que hão-de guiar todos vós!»*

Ergue-se Cristo; os convivas de Jesus, dando-lhe vivas, beijam-lhe a fimbria do manto que lhe cai sem uma ruga, à excepção dum, que, entretanto, se esgueira em rápida fuga!